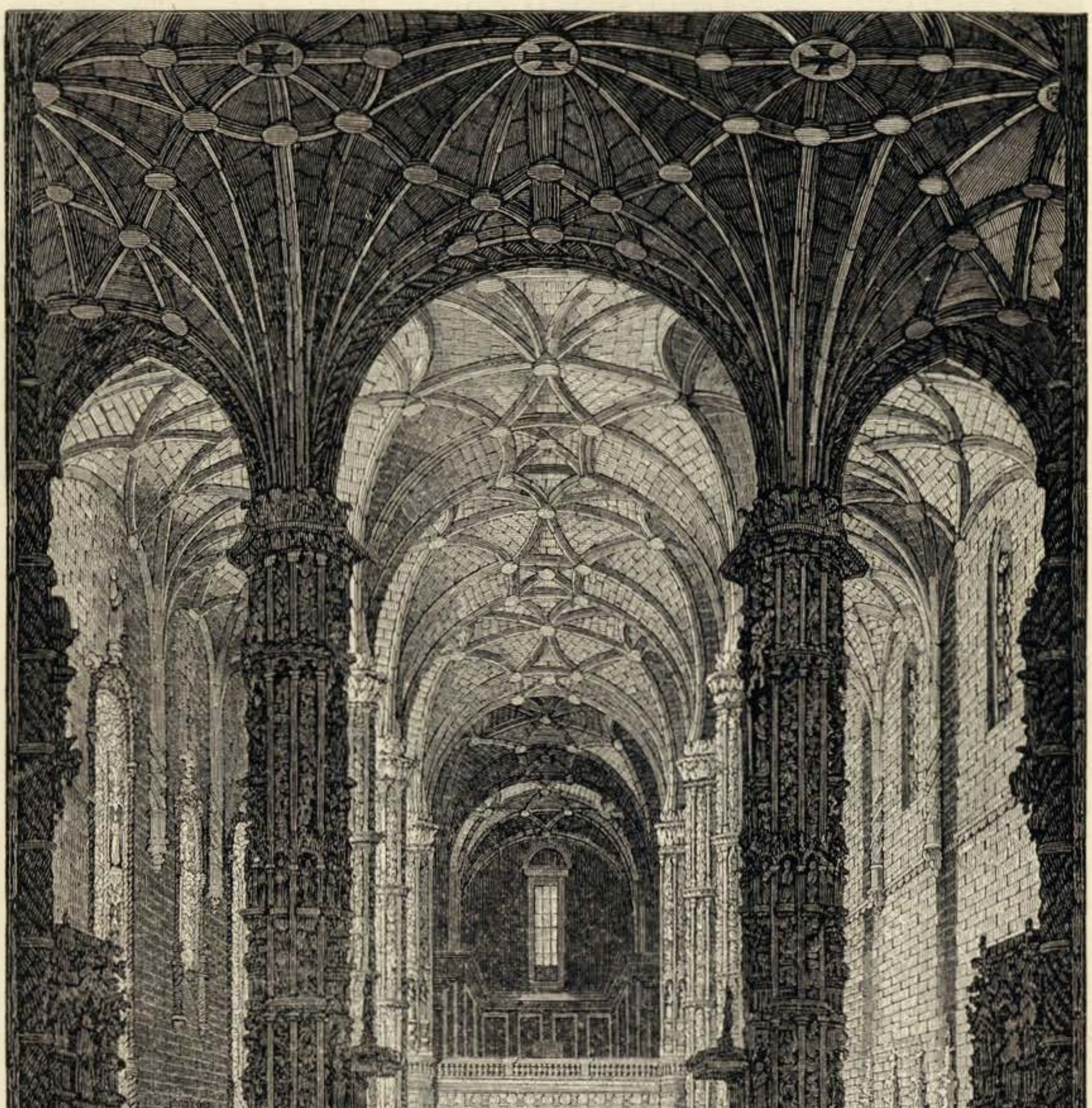
ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES PROPRIETARIOS, CASTRO IRMÃO & C.ª

Assignatura, em Lisboa 2:000 rs. — para as provincias pelo correio, 2:200 rs. — Brasil, moeda fraca, 6:000 rs. — numero avulso 50 rs.
Escriptorio, rua da Boa-Vista — Palacio do conde de Sampaio

6.º ANNO — 1863



Interior da egreja de Santa Maria de Belem — Desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho Junior

PROLOGO

A velocidade do movimento intellectual do seculo em que vivemos obriga a desfolhar-se o livro em jornaes para saciar o commum desejo do saber, tão necessario hoje a todas as classes como o pão de cada dia.

Nunca em tempo algum se viu cumprida tanto á risca a sentença dó Divino Mestre: *Nem só de pão vive o homem.*

Ha reinos onde quasi todas as familias tem o seu jornal para leitura diaria, e onde fôra vexame, se não barbarie, deixar de tomar parte na actividade dos progressos do espirito humano.

Portugal vae acompanhando já de mais perto esse diurno movimento intellectual, porque de anno para anno augmentam as publicações periodicas, e as tiragens já se contam por milhares, tanto dos livros como dos jornaes. É que o numero dos leitores cresce progressivamente, porque o gosto da instrucção vae-se generalisando entre o nosso povo.

O *Archivo Pittoresco* tem largamente participado d'este impulso; e tanto que tira já 5:000 exemplares, quasi tantos como o *Panorama* na sua edade aurea. Mais de metade da edição nos extrae a patriotica Sociedade Madrépora, parte para distribuir gratuitamente pelas escholas populares d'este reino, e parte que obsequiosamente se encarrega de enviar aos seus socios, nossos concidadãos residentes nas diversas provincias do imperio do Brasil.

Ao abrirmos o VI volume d'este semanario, mui grato nos é repetir os testimunhos do reconhecimento que devemos a tão illustrada Associação, nós e a mocidade das escholas populares que tão liberalmente são contempladas na distribuição gratuita do *Archivo.*

Em convivio fraternal dos editores e dos collaboradores litterarios e artisticos d'este jornal, que foi honrado com a presença do nobre ministro do reino, como chefe supremo da instrucção publica, saudámos ha pouco os patrioticos directores de tão util Sociedade, e na sala da nossa typographia, que foi tambem a d'esse banquete litterario e artistico, inaugurámos os retratos dos dois zelosos directores com quem nos correspondemos, homenagem que prestaremos a todos os outros, quando tivermos a satisfação de possuir a effigie de tão benemeritos promotores da instrucção e civilisação da sua patria.

Não corresponde tão modesto testimunho de consideração aos assignalados serviços que elles tem prestado ao paiz, com o donativo feito ás escholas, e repetidos premios á industria e ás artes; mas servirá talvez de incentivo a todos quantos empenharem os seus esforços para o bem commum da nossa terra.

Com o poderoso e constante auxilio d'esta meritissima Sociedade iremos realisando os melhoramentos a que o nosso jornal aspira. A instituição da eschola de gravura, annexa á typographia do *Archivo*, conta já seis discipulos, alguns de decidida vocação. No volume passado, quasi todas as estampas que publicámos, que foram 140, são originaes, poucas se copiaram ainda dos jornaes illustrados estrangeiros, mas nenhuma deixou de ser gravada pelos nossos artistas. Para este volume temos já um bom peculio, e contâmos que todas as gravuras hão de ser nacionaes, mais apuradas, e estampadas com maior perfeição.

Se o ler é, como disse o incançavel apostolo da instrucção popular, o sr. Castilho [1], a fonte de todo o saber, o primeiro de todos os melhoramentos, e ainda por cima um allivio e consolação de penas, o mais nobre e o mais barato de todos os passatempos; a gravura em madeira é um possante auxiliar para quasi todos os conhecimentos humanos. Primò: porque mostra os objectos em vez de só se nomearem, e assim os faz melhor comprehender. Secundò: porque os menemonisa. Tertiò: porque desafia o appetite para a leitura. O *Archivo* é hoje em Portugal a unica publicação periodica illustrada com gravuras de madeira; e os editores, para reanimarem esta prestantissima arte, que chegou quasi a desfallecer entre nós, tem empregado todos os esforços e dispendios para que ella se adiante e realce, não só nas paginas d'este semanario, mas em outras obras, tambem illustradas, que esta empresa intenta publicar brevemente.

Este seu principal empenho, será acompanhado pela selecta collaboração dos escriptores que até hoje tem honrado estas paginas, e dos que se dignarem acceder ao convite que lhes fez a direcção da Sociedade Madrépora, e ao que desde o primeiro numero lhes dirigimos, e agora reiterâmos.

[1] *A Felicidade pela Instrucção*, pag. 75.

VISTA INTERIOR DA EGREJA DE BELEM

Dois padrões monumentaes marcam entre nós a era do descobrimento da India, pela armada de Vasco da Gama — a egreja de Santa Maria de Belem, e o poema de Camões.

Com o primeiro oiro das nossas conquistas, e com as primicias da especiaria do Oriente, foram cimentados os fundamentos do sumptuoso mosteiro, doado por el-rei D. Manuel aos monges de S. Jeronymo, que apenas tinham em Portugal o acanhado hospicio de Penha-longa, nas abas da serra de Cintra.

Começado a edificar no anno de 1500, pelo risco do architecto João de Castilho, e continuado com diversos planos pelos successores del-rei D. Manuel, este monumento parece estar significando nos periodos da sua construcção, as phases, ora gloriosas ora decadentes, da nossa dominação oriental.

De architectura original, a que se deu o nome de «Manuelina», foi o mosteiro, nos seus primeiros dias, o symbolo da originalidade das nossas conquistas.

O interior do templo, cujo desenho hoje apresentâmos em gravura, é, pela construcção da abobada, a principal maravilha architectonica d'este monumento.

Tentaremos fazer-lhe a descripção, seguindo a mais fiel que se conhece, publicada pelo sr. Warnhagem em 1842.

Quando entrâmos n'este alteroso templo, afigura-senos ser mui baixo, porque ahi não tem mais de 6^m,6 de alto, seguindo para cima o côro, que entra alguns 18 metros pela egreja adiante, sendo n'esta extensão muito estreita, por ter de cada lado duas capellas, devendo ficar as primeiras por baixo dos dois corucheos das torres, se acaso estes se fizessem. N'esta entrada chama a attenção do espectador, não só a curva e lavor dos primeiros dois arcos, de egual altura, que ficam aos lados, mas tambem os tres que se prolongam com as naves. Não maravilham menos os grossos artezões ou ribetes do tecto, cujos florões, ou molduras intersecciónaes, encerram as armas portuguezas, a esphera do fundador, a cruz da ordem de Christo, etc. As columnas d'estes arcos, guarnecidas a meio por um bocel lavrado, são torsas, e por esta fórma se prolongam pela archivolta até se encontrarem no fecho.

A capella que fica á direita recebe a luz por uma fresta que deita para fóra do templo; tinha ainda outra fresta que foi tapada e encoberta pelo oratorio do Senhor dos Navegantes. Na parede fronteira fica um altar com tres imagens, sendo digna de menção especial a de S. Leonardo, que el-rei D. Manuel recebeu como presente do papa. Por todas as outras paredes se vêem imagens e reliquias, que eram da capella del-rei D. Sebastião, o qual no seu testamento feito em Lisboa

aos 13 de junho de 1578, antes de se ir a sepultar em Africa, ordenou que por sua morte se conservassem em deposito n'este mosteiro, em quanto assim fosse da vontade de seus successores.

Na capella do lado esquerdo, chamada do Senhor dos Passos, quasi não apparece senão obra de talha doirada, de madeira, que, com essas columnas salomonicas de mau gosto, guarnecidas no fuste de parras e cachos de uvas, serviram tanto, ha mais de um seculo, para encobrir ás vezes primores de architectura e de esculptura.

Cada um d'estes tres arcos, sobre os quaes termina o côro, corresponde a uma das naves que lhe fica no prolongamento. A abobada do vão do arco do meio é moderna, como bem mostra o lavor dos artezões. Foi construida (bem como o que distinctamente ahi proximo se descobre haver sido ha pouco reedificado) depois do terremoto de 1755, que abalou parte da egreja.

Apenas o espectador transpozer estes ultimos arcos, receberá a impressão grandiosa que produz a largura da egreja, o achatamento da abobada, egualmente alta nas tres naves, e o lavor dos pilares que a sustentam. O angulo optico não póde abranger senão parte, mas isso mesmo dá variedade de impressões.

Tem o corpo da egreja 18^{m},50 de largura, e segundo a nossa aproximada medição, o comprimento não chega a 77 metros. E ainda que alguns lhe assignem mais 6, pela nossa conta, a distancia desde a porta da egreja ao primeiro degrau do cruzeiro, é de 24 metros; o cruzeiro tem 15^{m},4; a capella-mór, até ao ultimo degrau de pedra, 8^{m},8; e o altar apenas occupa 5^{m},4. Por esta medição, a egreja de Belem é pouco menor que a da Batalha, e muito mais pequena que a de Alcobaça.

A altura da abobada, se o habito de avaliar a olho nos não atraiçôa d'esta vez, é menor que o da nave média da Batalha; deve andar por uns 20 metros como a de Alcobaça: a do cruzeiro é comtudo um pouco mais alta e bem artezoada. Os florões ou bossetes nos fechos octognos são cobertos de outros maiores, ao que parece, de metal, pintados com espheras armillares, e cruzes da ordem de Christo, não se distinguindo já bem o leão do timbre de S. Jeronymo, mas sim o seu barrete de cardeal. Não podémos divisar ahi inscripção alguma, nem julgâmos que ellas existissem mais do que na credulidade dos que imaginaram tel-as visto alli.

A abobada do corpo da egreja é, juntamente com a do cruzeiro, sustentada por seis pilares de base circular, que separam as tres naves, sendo eguaes em tamanho os quatro do corpo da egreja, e muito mais fortes que elles os dois que separam o cruzeiro. Ha mais dois meios pilares da grossura dos primeiros, que parecem firmar sobre o côro. Todos foram tidos por de um gosto tão novo para França, pelo architecto barão de Taylor, que veiu a Lisboa mandado pelo rei dos francezes em 1836, que, não se contentando com tirar d'elles os desenhos, os mandou modelar em gesso, os grandes até á altura de 11 metros, e os pequenos de 8. Mencionámos este facto para que se não estranhe descrevel-os mais detidamente do que é uso em escriptos d'esta natureza.

Começaremos pelos quatro menores, reservando para logo os outros dois.

Tem os referidos pilares, á superficie exterior, oito columnellas (adoptando do latim esta palavra, de que carecemos) em meio relevo, desde cima até abaixo; sendo porém em toda a altura a superficie do fuste interceptada por tres cordões ou anneis, que as dividem em quatro porções ou andares. Os oito intervallos das columnellas estão profusamente lavrados com festões e brutescos, representando figuras humanas, monstros, animaes, passaros, etc. Tanto n'esta especie de hieroglificos, como nas columnellas e cordões, fazem taes pilares recordar as columnas egypcias. No meio do segundo andar estão rasgados, nos oito mencionados intervallos, outros tantos nichos vasios: os dois meios pilares, que parece assentarem no côro, só começam com o terceiro andar, e tem cada um a sua figura de pedra.

O côro foi, como dissemos, concertado em boa parte depois do terremoto. Talvez que só desde esse concerto é que se lhe poz a balaustrada que deita para a egreja. Consta de cinco balaustres, tendo entre cada dois uns acroterios sem alhetas. Defronte dos meios pilares arqueia a sacada para fóra, sustentada sobre um friso dorico com triglyphos e metópas, descendo d'ahi uns troços, que vão terminar em misulas nos dois pilares dos tres arcos por baixo do côro. É este sufficientemente espaçoso, e guarnecido de cadeiras e espaldares de madeira de bordo, obra de muita valia n'este genero. Os mesmos espaldares servem de moldura a quatorze paineis, mas todos de pintura moderna.

O tecto do côro é, como o do resto da egreja, de abobada abatida, e todo de artezões, que se estribam nos capiteis dos pilares e paredes lateraes. Os capiteis são guarnecidos de folhagem, e de um ábaco d'onde partem quatro artezões para cada lado, que vão entroncar-se nas naves lateraes com outros quatro, que na parede se reunem em misulas pendentes, semicylindricas, e lavrados de nacellas enroscadas.

Os vãos entre as referidas misulas, correspondentes aos pilares, estão rasgados com janellas, cujos vidros não acreditâmos terem sido de côres, ainda que assim se affirma. Estas janellas são de volta inteira, sem empostas, e com lavores singelos nas hombreiras e archivoltas. Por baixo, do lado do evangelho, ha sete portas pequenas, tendo por cima outros tantos nichos com elevados baldaquins, cada um de sua feição, porém todos arrendados e de laçaria, sobresaindo da parede, e com os remates superiores em cruz, lizes, pyramides, etc. Estas sete portas, e mais cinco que ficam debaixo do côro, tres das quaes não se vêem, dão para uns cubiculos que servem de confissionarios: não tem dentro saidas, mas apenas umas grades, ás quaes chegam os penitentes por outras doze portas que lhes correspondem para o claustro.

Passemos agora do corpo da egreja para o cruzeiro.

O chão é todo de ladrilho de Hollanda, roxo e azul, collocado em sentido diagonal das paredes, ladrilho frequentemente empregado n'este edificio.

Vejamos primeiro os dois pilares prolistylos que se enfileiram com os outros menores do corpo da egreja.

Cada um d'estes pilares póde considerar-se como resultado de quatro enfeixados, tendo cada um dos mais baixos os singelos nichos que nos primeiros mencionámos. Além d'estes, ha nas quatro reintrancias da união, outros tantos nichos maiores, de baldaquins, mas tambem vasios. Não tem capiteis; são coroados de uma especie de ábaco circular, formado por um oval de meias-laranjas sobre dois filetes, e guarnecido por outros dois, ficando ornados de folhagem os saimeis d'onde partem, não só os artezões, como os tres arcos correspondentes ás tres naves. O do meio, sobre cujo fecho se vêem, entre duas espheras, as armas portuguezas, é de volta mais elevada do que a inteira, e chega talvez ainda a curvar um pouco para dentro, quasi como a volta de ferradura á moirisca. Os dois lateraes são de ponto subido, o que era essencial para serem mais estreitos tendo a mesma altura. Junto d'estes pilares polistylos mandaram os frades encostar dois pulpitos modernos (como se vê da estampa), naturalmente porque ficavam longe do povo os dois, riquissimos em esculptura, contiguos á capella-mór, que são da primitiva.

Olhemos agora com pasmo para a abobada do cruzeiro, que é ainda mais digna de admiração que a da

casa do capitulo do convento da Batalha, tão nomeada. A da Batalha é menos abatida, e tem 348 metros quadrados, quando o cruzeiro de Belem conta 52 metros de largura sobre 34, no sentido longitudinal, vindo assim a dar maior superficie, sustentada sem o auxilio de um só pilar! Ha no tecto uma combinação de artezões que vão estribar-se, principalmente—1.º nos dois pilares prolistylos e nas misulas que, ao pé do arco do altar-mór, correspondem aos saimeis d'aquelles; 2.º nas misulas dos cantos do mesmo cruzeiro, que ficam na mesma linha das paredes das naves; 3.º nos fechos dos arcos, tambem de volta inteira, das capellas lateraes.

Vejamos agora o que ha de mais notavel no correr das paredes. No alto, aos lados do arco da capella-mór, estão duas grandes janellas de volta redonda, pelas quaes, por deitarem para o nascente, entra de manhã muita claridade. Ás linhas do meio de cada uma d'ellas correspondem, por baixo, os eixos de duas columnas lavradas, com seus capiteis, que eram destinadas a servir de peanha a imagens que nunca tiveram. Cada uma d'estas columnas divide dois altares, sendo os quatro vasados na parede orlados de excellente lavor de pedra, tendo por cima a esphera armillar e as armas de Portugal. No vão d'estes altares antigos estão outros de talha doirada, no gosto moderno. No do lado do evangelho ha uma imagem de S. Jeronymo feita de porcelana, mandada de presente a el-rei pelo papa, a qual é muito admirada pelos entendedores. Aos lados da capella do cruzeiro que fica da banda da epistola, isto é, á direita dos ditos quatro altares, ha mais dois, quasi do mesmo gosto architectonico. Do lado fronteiro a estes correspondem duas portas cujos arcos são de excellente lavor, mas pozeram-lhes sobre as vergas de triglyphos uns frontõesinhos modernos, que são o ludibrio da architectura em tão grandioso edificio; e para maior affronta da arte, metteram no outro arco uma nesga de esculptura antiga, e collocaram sobre o ápice da empena uma imagem de cinzel venerando!

Nos topos do cruzeiro ha duas capellas, cada uma com sua janella ao nascente: a do lado da epistola tem de mais na parede do sul uma luneta, que está occulta por uma tapagem de madeira muito pintada e doirada, além de um cortinado ao meio. Conviria muito vencer a todo o custo certa devoção mal entendida dos habitantes de Belem, para desembaraçar esta capella de um celebre presepio que alli está, e que impede a vista dos tumulos ahi existentes dos filhos del-rei D. João III, a saber: dos principes D. Filippe e D. Affonso, e da infanta D. Isabel e D. Brites; dos infantes D. Diniz e D. Antonio, e dos principes D. Manuel e D. João (pae del-rei D. Sebastião), cujos corpos ahi jazem, dois a dois, pelo modo que os mencionâmos. Além d'estes tumulos, está n'esta capella o cenotaphio que encerra os ossos, que, muito tempo depois da batalha de Alcacer-quibir, vieram para Belem como sendo os del-rei D. Sebastião, e ahi figuram como taes, posto que haja razão para duvidar da sua authenticidade, porque vieram para alli no tempo dos Filippes, naturalmente com intuito de acabar com a crença popular dos sebastianistas, patriotas de quem os hespanhoes receiavam alguma tentativa de independencia. N'uma sepultura rasa estão os ossos do arcebispo de Braga D. Duarte, filho natural do mesmo D. João III.

A outra capella fronteira, apesar de a guarnecer uma impropria balaustrada, está descoberta. Tem cinco altares; porém o que n'ella ha de mais notavel é: o tumulo do cardeal-rei, na frente, e aos lados, em dois tumulos, os infantes D. Luiz e D. Carlos, D. Fernando e D. Antonio; e n'um só o infante D. Duarte e sua irmã D. Maria. Tambem ahi jaz o cardeal D. Affonso, aquelle que, sendo de oito annos, recebeu do papa o barrete de cardeal!

Antes de entrar na capella-mór, attrahem a attenção do espectador dois riquissimos pulpitos, embutidos nos angulos, com primorosa esculptura nos peitoris e baldaquins. O do lado do evangelho levou em modelo de gesso para França o architecto Faylor, a quem já nos referimos. Chegando á capella-mór, dividida do cruzeiro por uma balaustrada de marmore branco, esquece-se o observador de que está em Belem. Vê-se circundado de marmores polidos de varias côres: uma columnata jonica stereobada o rodeia, e sobre o entablamento d'esta columnata fica outra corinthia, cada uma de 16 columnas correspondentes: a abobada é apainelada de almofadas de marmore, formando meia rotunda da banda do sacrario. Nos intercolumnios da ordem superior fica o retabulo, com tres paineis e seis janellas rectangulares, a que correspondem na ordem inferior: 1.º o sacrario entre outros dois paineis (attribuidos ao celebre pintor portuguez Lopes, do tempo del-rei D. João III); 2.º aos lados, e por baixo das primeiras duas janellas de cima, outras duas eguaes, e por baixo das quatro restantes outros tantos vãos na parede, sustentados por arcos, nos quaes vãos, sobre elephantes de marmore cinzento de Cintra, se vêem quatro grandes urnas de marmore de côres, cada uma com sua coroa de metal aberta em cima. São estes os tumulos del-rei D. Manuel, de D. João III e de suas mulheres as rainhas D. Maria e D. Catharina, ambas castelhanas. Todos tem os seus epitaphios em latim. Os ossos de D. Manuel e de sua mulher foram para alli trasladados a 18 de outubro de 1551 depois de acabada a capella.

No periodo de trinta annos, pois tantos havia que se fizera o cruzeiro, se tinha consummado de todo na Europa a revolução da architectura. Já Buonaroti tinha sanccionado a restauração completa da architectura greco-romana. N'esta capella-mór é que julgâmos teriam parte architectos italianos, apostolos do novo estilo triumphante.

No fundo da capella-mór está um grande sacrario chapeado de folha de prata, lavrada de bestiães, tendo na *porta cœli*, em meio relevo, a adoração dos Magos, e por baixo: *O principe D. Pedro que Deus guarde deu este sacrario a este real mosteiro de Belem no anno de* 1675.

Ha quem diga, não sabemos se com fundamento, ser este sacrario obra da celebre artista Josefa d'Ayalla, conhecida vulgarmente por *Josefa d'Obidos.*

Aqui finda a descripção architectonica do interior da egreja de Belem, que melhor fará comprehender a estampa antecedente, primorosamente desenhada pelo sr. Nogueira da Silva, e gravada, com todo o esmero pelo sr. Coelho Junior.

A este hão de seguir-se outros desenhos do grande monumento manuelino, e então proseguiremos na enumeração das suas bellezas.

TRES HOMENS UTEIS

Os premios conferidos nas exposições industriaes são os verdadeiros brazões da industria. Com elles se fórma a nova nobiliarchia dos feitos do trabalho e dos prodigios da intelligencia.

A historia n'estes premios é mais uma incitação do que uma lembrança.

São destinados a elevar, no animo dos que trabalham e soffrem, a esperança de um louvor, que significa o testimunho da estima e do agradecimento pelos serviços prestados á verdadeira civilisação.

Quando o Porto se preparava para uma grande festa de industria, o pensamento inicial d'este importante acontecimento foi reproduzido no Rio de Janeiro, por

alguns portuguezes, que estavam reunidos em sociedade para representarem, na terra estranha, uma continuação da patria.

O pensamento da Exposição Industrial Portuense era, conferir premios aos que se mostrassem mais destemidos campeões nas luctas do trabalho; e o mesmo foi o pensamento da Sociedade Madrépora assim que teve noticia da auspiciosa exposição que se projectava.

A benemerita Sociedade Madrépora, offerecendo tres premios seus, cuja distribuição deixava ao arbitrio do jury da Exposição, apenas dispoz que fossem conferidos a expositores das classes III Agricultura; XXI Industria das sedas; e XXVI Desenho e plastico applicados á industria.

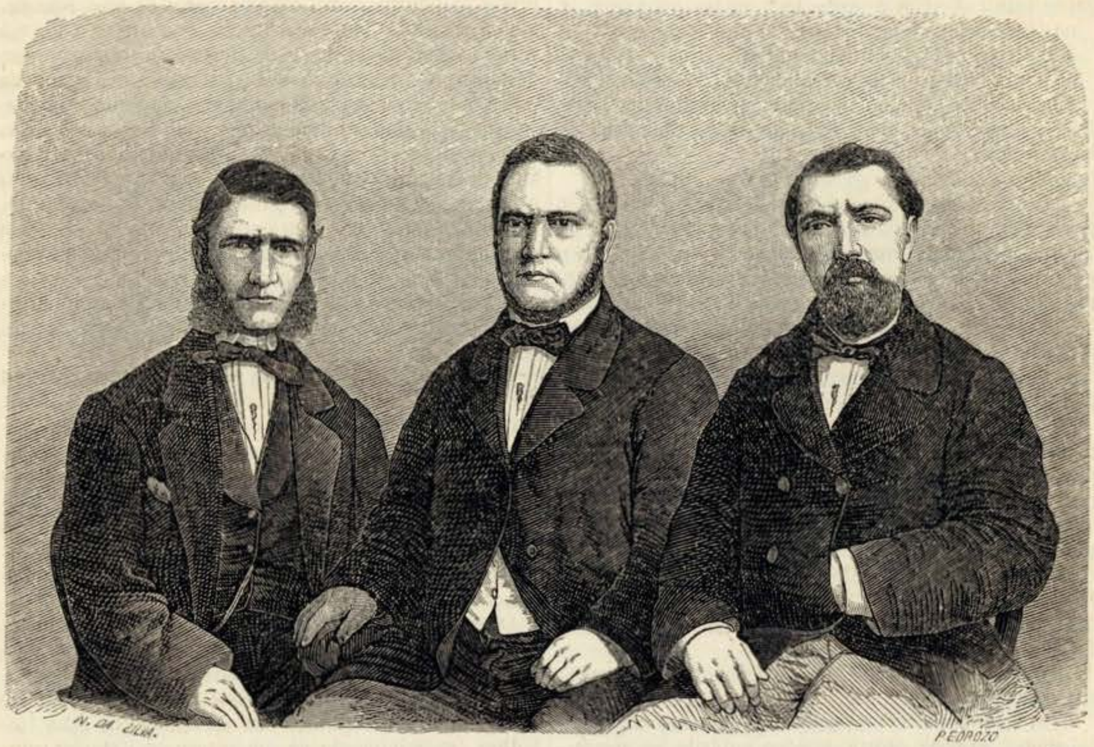
Não é mister encarecer o acerto d'estas indicações.

A agricultura é a nossa mais valiosa industria; a seda toma as raizes do seu prospero desenvolvimento na industria agricola e na industria fabril: e o desenho e modelação representam os elementos do mais seguro aperfeiçoamento industrial.

Tres primorosos alfinetes para peito, tendo cada um seu brilhante, e no pé a legenda da sociedade, representavam estes premios, que estiveram tambem patentes ao publico em quanto durou a exposição da industria.

Assistimos a essa festa da civilisação, a mais completa e esplendida que temos tido em Portugal.

Chegámos ao Porto nas vesperas do dia em que ella se inaugurou, e saímos da cidade, que é a capital do



Antonio de Azevedo — Eduardo Ramires — F. N. Marques de Paiva

trabalho e do commercio do reino, no dia em que a Exposição se fechava aos vivas a D. Pedro V, o amigo da industria; saudações que ouviamos ainda, como um echo festivo, quando já vinhamos no caminho de Lisboa.

Mezes depois, esses vivas, essas saudações, eram preces, eram lagrimas, pela memoria do Rei amado, do homem que aquella cidade, heroica e leal, havia comprehendido da mesma fórma que elle a sabia comprehender!

Portugal sentiu a morte de D. Pedro V, sem excepção de classe nem de terra, como o filho mais extremoso sente a morte do pae mais respeitavel.

Entretanto, no Porto o pezar permaneceu mais tempo em toda a amplitude de uma desanimação profunda.

A Exposição Industrial Portuense estava, e com razão, identificada por tal modo com a lembrança do Rei que a foi inaugurar, que não havia animo para completar essa grande festa, distribuindo as recompensas conferidas pelo jury; porque faltava o Rei iniciador de tantos actos de coragem civica, de probidade admiravel, e de constante amor ao trabalho.

Em agosto de 1862, o palacio da Bolsa, que foi o palacio da industria, vestia novamente as gallas dos festejos de 1861, em cumprimento da obrigação de um dever, e não com o alvoroço d'aquelles dias de jubilo, em que a vida de D. Pedro V se ligava á vida da nossa industria.

Começavam os soffrimentos da crise do algodão, os teares diminuiam o movimento, e alguns tinham parado.

O ultimo dia memoravel da Exposição Industrial Portuense já não podia ser adiado.

A cidade comprehendia o seu dever apresentando indicios de mais um dos seus gloriosos festejos.

Estavamos no Porto ao amanhecer do dia 15 de agosto, levando auctorisação para receber, em nome de um dos tres premiados pela Sociedade Madrépora, o premio que lhe fôra conferido: e á uma hora da tarde o recebiamos das mãos do visconde de Lagoaça, presidente do jury qualificador, e homem que participa do regozijo de todas as festas nacionaes com a alma expansiva de verdadeiro portuguez.

O premio conferido ao sr. E. Ramires foi o que tivemos a honra de receber em seu nome. Os outros dois foram conferidos, um ao sr. Francisco Nunes Marques de Paiva, e outro ao sr. Antonio de Azevedo.

A Sociedade Madrépora, para dar ainda mais realce ao merecido brazão dos tres premiados, entendeu que os seus retratos se deviam popularisar, juntamente com a noticia de alguns factos relativos ao viver de cada um d'esses prestantes cidadãos.

Gostosamente se desempenha o *Archivo Pittoresco* de tão nobre intento, publicando os retratos que podem ensinar á infancia e ás pessoas adultas o que significa — o capital avultado, dirigido por uma intelligencia apurada; o trabalho sujeito a uma vontade rigorosa, e a arte dando encanto ás fórmas das obras da industria.

O sr. Francisco Nunes Marques de Paiva apresentou na Exposição Industrial Portuense:

Classe III. — Centeio, milho, trigo, feijão, castanha verde e sêcca, azeitona queijo, cardos penteadores, cultivados na Covilhã. No Relatorio geral encontrámos sobre esta collecção a seguinte apreciação do jury.

«O jury achou magnificos estes productos.»

Classe XI. —Vinho tinto, azeite.

«O jury achou de boa qualidade estes productos.»

Classe XX. — Como fabricante de tecidos na Covilhã. Pannos de lã, saragoça, borlinas, casimiras de lã, lã merina em rama e lavrada.

Lemos no Relatorio geral:

«O jury achou muito bom o fabrico de todos estes productos, e muito apreciou as boas amostras de lã merina, pelo conhecimento que teve dos cuidados que o expositor empregou na escolha e criação de gado lanigero, alimentando regularmente cerca de 1:800 ovelhas.»

Por estes artefactos teve o sr. Marques de Paiva a medalha de prata com distincção.

O sr. Marques de Paiva tem prestado á Covilhã serviços valiosos.

Homem ainda na força da vida, manejando habilmente a penna de escriptor, como tem amplamente provado as poucas vezes que appareceu na imprensa, possue animo superior e a mais decidida resolução.

Quando a fallencia de uma das casas mais importantes d'aquelle centro industrial ameaçava dividir os elementes de uma grande fabrica, e deixar sem trabalho muitos operarios, o sr. Marques de Paiva desenvolveu com energia os recursos mais apreciaveis do seu caracter.

O capital nas suas mãos é intelligente e utilmente reproductivo.

Tem melhorado a producção agricola nas suas propriedades ruraes: presta assiduo cuidado ao aperfeiçoamento do gado lanigero, e promove o cultivo dos cardos penteadores, tão adequados ás necessidades da industria dos lanificios.

O fabrico dos tecidos deve ao sr. Marques de Paiva aperfeiçoamentos em todas as suas ramificações: no constante augmento dos machinismos, na firmeza e primor das côres, e na solidez das qualidades adoptadas aos varios usos, gostos, necessidades e meios de fortuna.

A este benemerito emprezario fabril, bem como a outros que existem na Covilhã, deve aquelle centro poderoso do trabalho fabril a regeneração de uma industria que terá por mercado todo o reino, assim que for servida pelas estradas a que tem direito incontestavel e incontestado.

Transparece na physionomia do sr. Marques de Paiva o habito de seguir o calculo com o pensamento, sempre em uma idéa que seja pratica, mas elevada. É o gesto de quem tem passado pelas provações do estudo; mas sem tocar nas do infortunio. D'estas nos apresentam vestigios os outros dois distinctos premiados pelo jury da Exposição Industrial Portuense, com os premios da Sociedade Madrépora.

Ambos tem conhecido o trabalho e a lucta, ambos devem ter sabido como é amargo, ás vezes, o pão ganho pelo esforço do braço!

O sr. Eduardo Ramires é um transmontano que não perdeu na cidade as virtudes criadas á sombra dos montes de uma provincia, onde o trabalho é uma crença, porque se não comprehende sem elle, não só a parca abundancia, mas nem a grande riqueza.

O infortunio pesou alguns annos sobre o animo robusto do operario tecelão de seda.

Passou, deixando-lhe annuncios de uma velhice precoce: mas sem lhe abrandar nem envelhecer uma só das fibras rijas do seu caracter, austero na probidade, improbo no trabalho.

A franqueza é o gesto da sua physionomia.

Desajudado, só, teve a coragem de começar a vida industrial sentado a um tear, vendo a usura a minguar-lhe os fructos dos dias e das noites! Insistiu, venceu. Escripturou nos seus livos o que lhe tinha levado a usura, porque em Portugal só ella offerece capitaes á industria; viu alguns contos de reis. Não deveu a posição prospera a que chegou senão a si, e á usura já não devia um real; mas conhecia quanto era doloroso e arriscado luctar com ella; e deixou na escripturação da sua casa um brado, para que se conheça que sem capitaes baratos não póde haver industria.

O sr. Ramires possue o sentimento da arte, e assim o provam os bellos tecidos das suas fabricas. O exigente não é para elles o consumidor, é o fabricante. Irmão extremoso dos seus operarios, como é pae cheio de amor por seus filhos, o sr. Ramires exige no trabalho a perfeição e n'esta a egualdade.

É hoje um acreditado industrial, e póde ainda prestar ao engrandecimento da industria da seda serviços relevantes.

O sr. Ramires apresentou na Exposição Industrial do Porto — tecidos de seda em cortes para vestidos e colletes. O jury apreciou assim a variedade dos productos expostos pelo sr. Ramires, no Relotorio geral:

«O jury achou optima a escolha das materias primas empregadas n'estes productos: excellente o tecido, e mimoso o trabalho e gosto applicados ao seu fabrico.»

O jury conferiu-lhe a medalha de premio com distincção.

O premio destinado pela Sociedade Madrépora ao desenho e plastica applicados á industria, pertenceu ao sr. Antonio de Azevedo, natural da freguezia de Areosa, concelho de Vianna do Castello; mas domiciliado no Porto, onde ha 13 annos são apreciados os seus trabalhos, especialmente de modelação no exterior e interior dos edificios.

A vocação do sr. Azevedo para estes trabalhos, que requerem muito gosto e bastante firmeza no modo de os realisar, foi naturalmente desenvolvida com a frequencia das respectivas aulas na Eschola Industrial do Porto.

É muito digno de louvor que um homem, fóra da quadra da mocidade, achando meios de vida pelo trabalho, devido só á propria vocação, tenha frequentado durante seis annos, e com muito aproveitamento, a Eschola Industrial, dando ao estudo algumas das horas da noite, que são exigidas para descanço pelo trabalhar do dia.

É assim que no Porto os artistas comprehendem as vantagens do ensino industrial.

Infelizmente, os nossos governos nem completam, nem desenvolvem este ensino, em uma cidade onde as classes a que verdadeiramente aproveita, o procuram com avidez, e o frequentam com admiravel aproveitamento, como attestaram na Exposição Industrial Portuense, tantas e tão primorosas obras de desenho e modelação apresentadas pelos alumnos d'aquelle Instituto.

O sr. Antonio de Azevedo, representado pela Eschola Industrial de que é alumno, apresentou na Exposição:

Estudos de ornato (de invenção) em barro.
Estudos de figura. » »
No Relatorio geral diz-se:
«O jury achou muito perfeitos estes trabalhos.»
O jury pelo trabalho de modelação conferiu ao sr. Antonio de Azevedo uma medalha de prata.

A vida dos homens uteis é simples, ainda nas mais difficeis posições, e mesmo quando prestam valiosos serviços á sociedade.

Os homens que os contemporaneos ou os vindouros condecoram com a denominação de heroes, esses offerecem peripecias aos historiadores, para tomarem o quadro dos seus feitos de gloria, em amplas proporções.

A vida dos heroes é mais para a imaginação do que para a razão. Impressiona a phantasia, não influe na alma.

A memoria da Sociedade Madrépora brilha como um premio no peito de homens uteis. Os seus premiados são benemeritos do trabalho.

É rara a historia de heroes da politica ou das armas, que se possa apontar á mocidade como um exemplo.

Nos annaes modestos do trabalho, só ha lições para aprender, exemplos para seguir, e nomes honrados para venerar.

É n'estes annaes que estão registrados os nomes dos tres expositores da Exposição Portuense de 1861, premiados pelo jury com as recompensas que foram primorosa dadiva da Sociedade Madrépora.

Ribeiro de Sá

O MORGADO DE RUIVÃES [1]

De como veiu a Lisboa um morgado de grande prosapia; suas ruins manhas, acabamento que teve á conta d'ellas, e do mais que a seu respeito se disser.

(DEDICADO A CAMILO CASTELLO BRANCO)

Afigura-se á gente das provincias vinda de pouco a Lisboa, que todas as coisas são aqui quaes lhe parecem; e porque seus olhos não tem contemplado mais que o singelo viver dos campos, ou o ainda singelo viver de muitas cidades do reino, não descortinam mysterios e segredos da recondita e dupla existencia da capital.

Em verdade, quem é em Lisboa aquillo em que a publica opinião o tem? Qual o homem cujas acções e costumes respondam cabalmente ao bom juizo que d'elles se fórma? Todos acudirão clamando *me, me adsum*, não *qui feci*, mas *qui sum*.

Não se afervorem bons nem maus, porquanto outro meio não ha que não seja acceitar conformemente a sua declaração. Não basta vista de lynce a recopiladores de feições intimas de sociedades. Podem com ella ver muito, mas ainda lhes fica outro muito para ver, e n'esse é que por sem duvida jaz o que ora teria a oppor-lhes, se me fosse dado ir por esse mundo além, em companhia do diabo coxo de *Le Sage*, a destapar telhados para vos contemplar quaes sois.

Anda de longas eras a sociedade em interrupta mascarada, e cada um tem em mira não ser o que é, antes parecer o que não é. Deu forças a materia ao reinado das visualidades, e já ninguem pede titulos de capacidade a homens revestidos de determinado exterior.

Pois que todos vivemos illudidos, ora com falsas esperanças, ora murmurando dos outros; já simulando o que não somos, já tendo-nos em demasiada conta, andarei mal em dizer que a vida é um engano reciproco que a todos nos traz em enleio?

Terá este asserto visos de ousadia a olhos d'alguns moralistas, e de mim dirão que sou pessimista. Pouco se me dá da qualificação, por attender a que muitos pregoeiros da honestidade teriam seus nomes no topo da lista dos criminosos, se o dinheiro lhes não fosse barreira defensiva contra justiças da terra e beatifico deslumbramento a restantes homens.

Sou a dizer-te, amigo provinciano, aqui mui de manso, que nos não oiçam abelhudos, que força é tenhas tua alma ingenua precatada para insidias de civilisação, que é a modo de bicho horrendo, com fauces dilatadas, prestes a tragar ingenuidades e innocencias.

Se te deliberares a tomar caminho de Lisboa, não tragas singelezas nem bondades para o meio d'este facho de progresso, que todas se hão de queimar em suas chammas consumidoras, e pulverisarem-se a embates da publica irrisão. Deixa-as lá ficar nos fraguedos do teu casal, que ficam entre quem as entende, e não desmerece d'ellas; aqui ser-te-hão penosa carga, que em mui pouco lançarás de ti, não já a tempo de fugir a pesadumes e inquietações.

Esta cidade, que tanto te ha captivado, que para ti sorri com tão convidativo gesto, que em teu peito está accendendo lavaredas de entranhado amor, é habitada por creaturas que exploram toda a casta de virtudes. Essa turba que gira nas ruas e praças publicas, que entra por casas de negocio, que vagamundeia as mais das vezes todo um dia, é livro em que tu mal lograrás soletrar uma palavra.

Vou a dar-te razão do meu dito, n'um quadro que, a meu ver, ganhará por veridico no que lhe minguar em opulencias e arrendados de estilo.

I

Veiu a Lisboa no anno de 183... Carlos Raymundo de Azevedo e Mascarenhas, sujeito de boa stirpe, e senhor de acanhado morgado em terras de Tras-os-Montes.

Era Carlos de Azevedo de si mui bem apessoado, e com quanto não primasse em esplendores de eloquencia, sabia dizer quanto bastava para se ficar entendendo que possuia na terra grossos haveres, em predios e propriedades ruraes.

Ora isto não era verdade, e os pregões de abastança que o morgado deitava a quem queria ouvil-o, não passavam de ser feição da sua indole, alardeadora de mui alta fidalguia e riqueza.

Sobram-nos por ahi exemplos d'estes. Homens ha, que quanto menos possuem, por mais dinheirosos pretendem ser havidos. N'elles impera o pejo de se dizerem pobres, a ambição de pompear á competencia com pessoas de qualidade, e muitas vezes um animo talhado de molde para se deixar entranhar de idéas falsas e erroneas.

Pois nunca deram tino de gente d'este feitio? Nunca lhes surdiu de entre alguns palestreadores occiosos um que, a proposito de tudo e sempre, traz para o circulo da discussão a sua muita fazenda e posses?

Já d'aqui levanto mão da penna, se alguem me diz que ha demasias de côr n'estes traços, que ahi ficam. Mais que tudo, viso a ser fiel no meu discurso, embora vá desflorido e frouxo.

Vem agora a ponto dizer do morgado com mais detença e minucia. Fôra elle mui descurado de estudos e ensinamento de toda a especie, porque o pae nunca levára a peito que o doutrinassem mais que em primeiras letras. E se alguem alvitrava a formatura como coisa que aparelha o homem para supremos cargos da republica, saía-se logo com apontar seus maiores, que não houveram mister de ir a

[1] Este romance foi expressamente escripto para o *Archivo* pelo joven filho do grande orador parlamentar, José Estevão Coelho de Magalhães. Os nossos leitores folgarão de ver que o talentoso mancebo honra pelo estudo, e com a penna, a memoria de seu glorioso progenitor.

Coimbra para obter honrarias e distincções. A timida loquacidade do padre capellão retrahia-se espavorida, mal o morgado dava em querer justificar a supina ignorancia de Carlos com razões d'este jaez.

Entrou pois o morgadinho na mocidade pobre do mais vulgar saber. D'aqui vinha ser o espirito d'elle, ainda que não rude nem desageitado para o trato dos livros, mui inculto e silvestre.

No tocante porém a forças e donaires de corpo, primava, conforme dissemos, como quem de seus primeiros annos medrára livre, correndo serras, e galgando as montanhas cumvisinhas á paterna vivenda.

Poucas horas se demorava portas a dentro. Ia-se-lhe o melhor do tempo na caça, e em amestrar poldros bravos e feros.

Era de ver o jubiloso sobresalto com que o morgado velho esperava o filho, sentado em cadeira de respaldo trazida para a varanda mal o sol principiava a descair.

Vendo o moço, começava a informar-se d'elle com particular carinho, de como se saíra da excursão venatoria d'aquelle dia, e ria a bom rir, conforme lhe dava conta de caso que em si trazia jovialidade.

Entrementes punham os servos a comida na mesa, sem outro apparato de acipipes e iguarias, além de vitualhas substanciosas e alguns fructos, senão umas morcellas de Arouca cozinhadas a seu sabor, mimo da prelada do convento d'aquella villa, tia de Carlos por parte da mãe d'elle.

Ia-se após isto a tomar o frugal repasto seguido do velho morgado, que folgava de ver a appetencia com que o môço entrava na carne de porco e no chouriço com ovos.

Como ceava, ia a restaurar-se no leito do trafegar diurno, e tanto que sorriam os arreboes da madrugada, partia-se novamente, e mui de vontade, a lidar por montes e valles em cata de passos difficeis, coisas que mais quadravam a seu genio activo. Não fazia outra vida o «morgado novo», como o designavam n'aquelles arredores.

Pondere em sua mente o leitor que homem seria Carlos, avezado de menino a arcar com toda a casta de rudeza campesina. Cresceu a agigantado tamanho, e como fosse bem fornido de carnes, não lhe ia mal a altura desconforme, antes lhe era gentileza, pois que as demais partes do corpo por egual sorte concertavam a primor.

Quem lhe attentasse para a athletica estatura, cuidaria estar vendo uma amostra da humanidade competidora da era de Affonso Henriques, arremessada através dos seculos para menoscabo d'esta raça de homens, que quanto mais vamos andando, mais entanguida é.

Augmentou-se-lhe com os annos a força, e com ella foi crescendo em fama de valente e destemido, por tal arte, que nas festas e romarias d'aquelles sitios, dizer que era presente o morgado novo de Ruivães, e dar a multidão em fugir, era tudo um; que não era para menos o nosso heroe, á conta do impeto com que arremettia pela mais apoucada causa a todos e a tudo.

Hemos dito de sobra para esclarecer entendimentos do que fosse Carlos Raymundo de Azevedo e Mascarenhas. Cumpre ao presente seguir seu rasto, se quizermos lograr o intento de ver qual sorte teve n'este labyrintho de encontradas paixões, que já ao tempo era Lisboa. Foi o morgado poisar em luxuosa vivenda com seu estado de lacaio e cavallos, e começou de andar a capital. Bem passeiadas as ruas no airoso rosilho, não atinava Carlos no termo de dias com que fazer. A ninguem conhecia; theatros, por não saber que coisa fossem, não os gostava; passeios estava d'elles afediado; e n'estes termos, como se visse apartado de gente da sua criação, e alheio a usos e costumeiras de corte, deu em cair em tristuras e aborrimentos, e em encerrar-se a sós comsigo.

Apertava com elle o criado que saísse, alargando-se em conceitos d'este theor: que se viera a Lisboa com proposito de se não gozar de nada que condissesse a pessoas do seu tomo, melhor fôra não ser vindo.

A isto acudia o morgado com dizer: que estava de egual pensar, mas que não podia acabar comsigo em dar amor a terra onde não era reverenciada a sua jerarchia e mais partes.

Larguemos Mascarenhas por mão com suas dores, e logo volveremos a ponto que esteja prendado de mais lisongeiros dons da natureza.

(Continúa) MATHEUS DE MAGALHÃES.

Eis aqui o desenho das medalhas conferidas aos tres expositores retratados a pag. 5.

Tanto os editores do *Archivo Pittoresco*, como os principaes desenhadores e gravadores de uma selecta collecção de estampas publicadas n'este jornal, e enviada áquella Exposição, foram tambem contemplados com este honorifico premio.



Medalha conferida pelo jury da Exposição Industrial Portuense de 1861, aos expositores premiados.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

46.º

No excellente resumo do *Diario* da primeira embaixada do Japão á Europa, escripto na lingua japoneza, e vertido na latina, livro rarissimo, impresso em Macau no anno de 1590, li a pag. 343 do antecedente volume do *Archivo:*

« ...... tiveram (os embaixadores japonezes) de seguir logo para os paços ducaes, e alterar *d'esta feita* o costume de se hospedarem nas casas dos padres, etc. »

Tinha esta phrase por plebéa e impropria de estilo grave. Com quanto se occultasse o escriptor que a empregou em tão decorosa narrativa, basta-me lêl-a no *Archivo* para cessarem os meus escrupulos.

Entretanto, se v. podesse apontar-me alguns exemplos classicos, n'isso faria grande fineza a —

Um seu assignante da primitiva.

RESPOSTA

O sr. A. J. de Figueiredo, a quem devemos o extracto do rarissimo *Diario* do P. Sande, é tão perito nas linguas latina e italiana, como conhecedor da propriedade e pureza da nossa. O elle empregar a phrase apontada é prova de ser auctorisada. Mas para satisfazer o nosso assignante, aqui poremos alguns exemplos:

«Se d'esta *feita* não ficára destruido totalmente, elle rey de Melinde padecêra muito mal. — Barros, Dec. I, 8. 8.»

«Finalmente, d'aquella *feita*, elle, o filho, o genro, e um neto já homem, ficaram presos.» — Id., Dec. II. 6. 7.

N'estes exemplos *feita* é synonymo de *vez*. Na accepção de *feito, peleja, briga*, parece que o tomou Camões n'este ultimo verso da est. 33, canto V.

Que a côr vermelha levam d'esta *feita*.